

Uma chance para o coração doente

Três cardiologistas de Brasília criam técnica inédita para curar arritmia cardíaca com menos riscos ao paciente

Cristine Gentil
Da equipe do **Correio**

Abaiana Geni de Jesus de Souza, 27 anos, vivia sempre cansada. Não podia descer ou subir escadas, andar mais rápido nem realizar as tarefas cotidianas de casa sem que o coração disparasse. Na terça-feira passada, Geni submeteu-se a uma cirurgia que pode mudar seu ritmo de vida definitivamente.

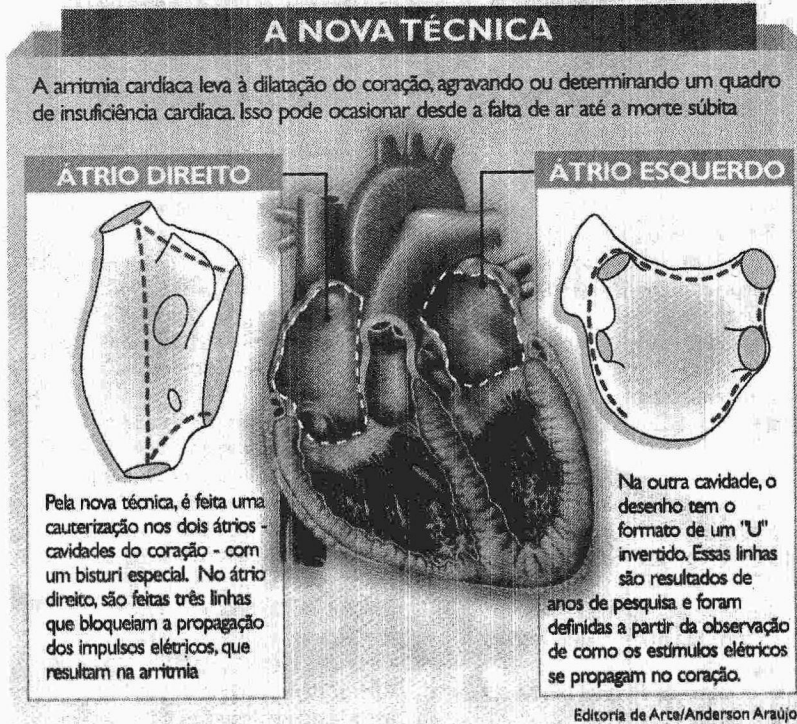
Ela foi a sexta paciente submetida a uma técnica cirúrgica, desenvolvida por três cardiologistas de Brasília e até então inédita, que pode curar um dos tipos mais comuns de arritmia cardíaca (distúrbio da contração do coração ou, simplesmente, alteração dos batimentos cardíacos) de uma forma mais simples do que é feita atualmente.

O novo método reduz o tempo cirúrgico de 450 minutos para 174 minutos, evita sangramentos e as complicações decorrentes dele e diminui

o tempo de internação. É indicado para os pacientes que sofrem de fibrilação atrial crônica, um tipo de arritmia. E é feito em pacientes que já têm indicação cirúrgica por problemas de lesão nas válvulas do coração.

Esse era o caso de Geni. Há seis anos, ela descobriu que tinha febre reumática com lesão cardíaca, uma das doenças que levam ao entupimento da válvula mitral e à conseqüente arritmia. Geni foi operada pelo cirurgião cardíaco Alexandre Brick, o único executor da técnica desenvolvida pelos eletrofisiologistas (cardiologista que estuda arritmias cardíacas e tratamentos) Tamer Seixas, do Hospital de Base de Brasília, e Ayrton Peres, da Cardioclínica.

Com um bisturi gerador de radiofrequência e ultrassom, o cirurgião fez uma espécie de desenho nos átrios — cavidades do coração — de Geni. São linhas que funcionam como paredes e impedem a formação



dos impulsos elétricos que fazem o coração bater mais rápido. O método é conhecido como ablação, o bloqueio do tecido pela cauterização. É uma espécie de queimadura, que não deixa feridas no coração.

Além de Geni, outras cinco pes-

soas foram submetidas à cirurgia. Todos pacientes do Sistema Único de Saúde, operados pelo cirurgião Alexandre Brick, no Hospital das Forças Armadas. Apenas um dos pacientes, voltou a ter arritmia. Mesmo assim, o problema foi contorna-

do com um procedimento correto, e o paciente não precisou voltar a tomar remédios.

“O que fizemos foi simplificar a cirurgia do labirinto com uma técnica mais simples, que pode ser feita em menos tempo, em qualquer hospital, que tenha um bisturi apropriado”, resume o idealizador da técnica, Tamer Seixas. A cirurgia do labirinto, a que ele se refere, é o método convencional, desenvolvido pelo inglês James Cox.

Na técnica de Cox, as linhas são feitas com cortes e suturas nos átrios, for-

mando uma espécie de labirinto. As linhas desse labirinto bloqueiam a propagação dos impulsos elétricos que fazem o coração bater mais rápido e de forma irregular. Devido ao grande número de cortes e suturas, o tempo de cirurgia é prolongado e

ocorrem índices mais elevados de complicações pós-operatórias. Por isso, poucos centros no Brasil — nenhum em Brasília — realizam a cirurgia. O restante dos pacientes, que não têm acesso a ela, é tratado com medicamentos.

A simplificação da técnica de Cox, desenvolvida pelos cardiologistas de Brasília, permitiu reduzir drasticamente essas complicações. O novo método poderá ser feito em qualquer hospital, desde que se tenha o bisturi apropriado, além do treinamento médico. O instrumento

é importado e custa US\$ 15 mil.

O trabalho foi reconhecido nacionalmente no 26º Congresso Nacional de Cirurgia Cardíaca, realizado no último 10 de abril, em Fortaleza. Foi um dos três premiados, eleitos entre os 112 inscritos de todo o Brasil.

“O QUE FIZEMOS FOI SIMPLIFICAR A CIRURGIA DO LABIRINTO COM UMA TÉCNICA MAIS SIMPLES, QUE PODE SER FEITA EM MENOS TEMPO, EM QUALQUER HOSPITAL, QUE TENHA UM BISTURI APROPRIADO”

Tamer Seixas
cardiologista, idealizador da técnica